

[imprimir](#)
[voltar](#)

A IMPOSIÇÃO DO FRANCÊS SOBRE OS “PATOIS” NA ÉPOCA DA REVOLUÇÃO FRANCESA, A LÍNGUA COMO SÍMBOLO DE LIBERDADE

AUTORA: CRISTIANE MARIA DE SOUZA
(MESTRANDA EM LÍNGUA FRANCESA - UFRJ)
ORIENTADOR: PROF. DR. PIERRE FRANÇOIS GUISAN (UFRJ)

1 - A IMPOSIÇÃO DO FRANCÊS SOBRE OS “PATOIS”:

No período da Revolução Francesa, a variante de língua falada pela burguesia parisiense estandardizava-se e impunha-se como a língua do estado nacional que se formava. Neste contexto histórico de transformações, tanto políticas, quanto sociais, havia a necessidade de que em todo o território francês, a população francesa desenvolvesse a vontade de adaptar-se a esta reformulação de sua sociedade. Assim, parecia necessário impor a língua francesa sobre os locais de comunidades de fala onde os indivíduos comunicavam-se através dos “*patois*”. Estes seriam as línguas regionais que eram faladas em áreas da região sul do país, onde desde a Idade Média desenvolveu-se a chamada “*langue d’oc*”¹ e, em áreas mais ao norte, os falares distantes da capital.

Deste modo, a nova elite política que surgia precisava impor suas leis e, ao mesmo tempo, impor-se sobre todos os quadros sociais e políticos em questão. A língua, assim, seria o instrumento para que as suas decisões fossem compreendidas por toda a população e, ela própria, seria um símbolo muito forte para a adequação dos indivíduos às novas representações sociais do período. E, desta forma, pensava-se que o novo poder evitaria contra-revoluções, perda de território, ou mesmo, que os indivíduos sentissem-se distantes desta nova representação de identidade nacional que se desenvolvia.

Assim, neste trabalho, pretende-se avaliar quais seriam as forças que possibilitaram a imposição de uma variante lingüística em detrimento da desvalorização, de variantes tidas como dialetos de menor importância para os novos projetos da nação. E, desta forma, analisar quais eram os símbolos de nação impostos a esta sociedade, para que pudesse haver uma eficaz identificação com esta França em adaptação política e social. Com isto, avaliaremos a investigação desenvolvida pelo abade Grégoire, que em 1790 organizou uma pesquisa nas comunidades onde os “*patois*” eram tidos como línguas maternas. Defendeu a imposição da variante francesa parisiense utilizando símbolos fortes de depreciação destes falares regionais e, ao mesmo tempo, desenvolvendo um símbolo forte de liberdade que somente viria a ser compreendido por aqueles que se expressassem com a língua que estava sendo imposta.

Para esta avaliação, utilizaremos os arcaibouços teóricos de autores como Saussure, *que define a língua como um produto social da faculdade da linguagem*², de Willian Labov (1972), que procurou mostrar que a atitude dos indivíduos não é isolada com relação à atitude lingüística de sua sociedade; assim como os trabalhos de Jean-Louis Calvet, em seu livro *La guerre des langues et les politiques linguistiques* (CALVET, 1999), dentre outras obras do autor e, obras de Benedict Anderson (1983), que procurou apresentar a língua como edificadora dos estados nacionais em desenvolvimento, do mesmo modo que Henri Meschonnic (1987) em seus textos mostra como se criou o mito de que a língua francesa seria o idioma da nitidez.

Deste modo, desenvolveremos o trabalho buscando sempre avaliar quais seriam as forças que propiciaram o começo da imposição do Francês sobre os “*patois*” neste ambiente de total estabilidade político e social, que foi a Revolução Francesa.

2 - OS “PATOIS”:

A partir do isolamento de províncias francesas distantes da capital, no período da Idade Média, houve o surgimento de falares regionais que foram denominados “*patois*”. Foram alcunhados desta maneira depreciativa pelos parisienses e pelas pessoas ligadas à corte francesa, pois estariam distanciando-se da língua da nobreza parisiense, logo, eram vistos como falares marginalizados. Já no período da Revolução Francesa, estes falares foram enquadrados como ameaças ao novo regime político e social que surgia, pois impossibilitavam não só a compreensão das novas entidades políticas e suas leis, como a necessidade de adequar os indivíduos às novas formas de produção oriundas da Revolução Industrial que se desenvolvia na Europa.

Estes falares são bastante numerosos, pois somente na região ao norte da França, denominada área de “*langue d’oïl*”, existiam - e ainda são presentes em nossa época - vários “*patois*” distintos, como o *normando*, o *picard*, dentre outros. E na região ao sul, denominada de “*langue d’oc*”, ou “*occitan*”, há a realização de “*patois*” como o *catalão*, o *provençal*, o *gascon*, dentre outros. Além da presença de “*patois*” de outras famílias lingüísticas, como o *bretão*, o *flamand* e o *basco*.

Neste ambiente de diglossia, os “*patois*” eram vistos simbolicamente como falares das “paixões”, como expressões daqueles indivíduos que não sabiam utilizar a razão para o exercício da fala. E também, como ágrafos, ou seja, sem expressão escrita, foram enquadrados ainda mais como demonstrações de marginalidade e falta de identificação com os símbolos da nação francesa.

Com isto, a partir do período revolucionário do final do século XVIII, os “*patois*” foram atacados de várias formas, para que se construísse uma população mais adequada à “civilidade” oriunda dos princípios revolucionários. Esta sociedade, seria a que pudesse utilizar a língua da pátria, aquela forma de se comunicar que seria a mais adequada aos planos políticos e sociais da época. Desta forma, os “*patois*” seriam ameaçadores a estes planos da nova governabilidade francesa.

3 - A VARIANTE FRANCESA QUE ESTARIA SENDO IMPOSTA:

O símbolo de língua Francesa que fora criado no Humanismo e estava sendo legitimado com a Revolução, teve um momento de grande difusão neste mesmo período, já que as novas leis e protestos eram escritos nesta modalidade de língua. Porém, fatalmente, tal hegemonia não era sempre reconhecida por todos, pois havia, por exemplo, jornais que se recusavam a usar a língua da “aristocracia”, tal como o “*Le Père Duchesne*”, do jornalista revolucionário Hébert. Esta língua estava se standardizando juntamente com a nova elite que a defendia e começava a tomar o poder. Logo, ela seria de extrema importância para a difusão das novas leis proferidas com a Revolução, e para que os indivíduos no território francês pudessem identificar-se com esta nova idéia de nação.

Com símbolos fortes e de total apelo popular, os revolucionários conseguiram que muitos das comunidades falantes dos “*patois*” comesçassem a se identificar com este idioma e com esta nação até então fora de seu alcance. Porém, algumas delas, como a dos indivíduos falantes do bretão, não aceitaram com tanta tranqüilidade esta imposição.

O ambiente propício para que a imposição ocorresse de forma mais clara e objetiva, era a escola, pois além de desenvolver a escrita, já que a maioria dos indivíduos falantes dos “*patois*” não sabia escrever e não tinha acesso ao francês standardizado, desenvolveria a fala nesta língua imposta.

Neste espaço, pensava-se que se poderia não só fazer com que indivíduos comesçassem a dominar a língua francesa, como também através dela, propiciaria a criação da imagem de cidadão francês que o novo sistema político-social exigia. Havia a idéia de que cada língua tinha “gênio” próprio. E, assim, os “*patois*” seriam eliminados de forma cada vez mais eficaz. Porém, viu-se que isto não foi tão fácil como se pensava.

Na grande maioria destas comunidades de fala, existia um amplo sentimento de identificação dos indivíduos falantes dos “*patois*” com o seu falar, logo, seria necessária a imposição do Francês de maneira drástica. Para isto, os responsáveis pela imposição engajaram-se em depreciar os “*patois*” e criar a imagem de uma língua francesa que os levariam à liberdade tanto apregoada nos ideais revolucionários. O abade Grégoire foi um destes membros da Convenção, que se engajou fortemente na difusão do Francês como língua materna de toda a população francesa.

4 - O ABADE GRÉGOIRE E SUA PESQUISA NAS REGIÕES DOS “PATOIS”:

Henri Grégoire, nasceu em Vého próximo de Lunéville. Foi padre constitucional da cidade de Blois e membro assíduo da Convenção, órgão em que fora uma personalidade de grande força no que diz respeito à difusão do francês. Cobrava a sua difusão a fim de que os indivíduos pudessem “civilizar-se”, pois falar o francês seria mostra de civilidade, de pertencimento a esta nação livre que surgia.

Assim, desenvolveu uma pesquisa sobre o francês e os “*patois*”, no período de 1790 a 1794, procurando enquadrar estas línguas marginalizadas como línguas mortas, que deveriam ser guardadas em “museus”, pois seriam parte da riqueza histórica de seu país. Deste modo, o francês era mostrado como a língua que trazia a claridade a todos os que a dominavam, sendo somente através dela que o povo francês poderia entender o que seria a liberdade. Então, os indivíduos que percebessem a importância de se dominar esta língua, estariam dispostos também a serem cidadãos franceses, na medida em que poderiam ter acesso às novas leis e reformulações de sua sociedade. Mostrando ser intolerante com a existência dos “*patois*”, o abade defendeu a sua aniquilação: a escola seria o local da exterminação.

Em sua pesquisa, o abade Grégoire desenvolveu uma grande estratégia de desvalorização dos “*patois*”, utilizando símbolos depreciativos muito fortes e populares. Como, por exemplo, a questão: “*O seu “patois” tem muitos termos compostos?*”, ou ainda: “*O seu “patois” tem escrita?*”, ou “*Há gramáticas, dicionários destes dialetos?*”. São perguntas que faziam parte do questionário com a finalidade de depreciar os “*patois*”, enviado por Grégoire a todas as regiões francesas onde se falava estas línguas regionais.

O abade ainda escreveu vários relatórios ao *Comitê de Saúde Pública* sobre a importância da aniquilação dos “*patois*” e, do uso do francês como língua materna em todo o território. No relatório intitulado “*Le Rapport Barère*”³, podemos verificar todo o seu engajamento para depreciar as línguas regionais, que eram tratadas como vestígios do Antigo Regime. Assim, deveriam ser eliminadas, na medida em que todas as instituições feudais estavam sendo abolidas da sociedade francesa. Usou, desta forma, de argumentos agressivos com relação aos indivíduos falantes dos “*patois*”, chamando tal atitude de “barbárie” e que estes mesmos necessitavam tornarem-se cidadãos para que conseguissem entender todos os bens advindos com a Revolução.

Assim, com o seu questionário e suas correspondências com os representantes de cada região, que podiam falar e escrever em francês, pôde fazer uma campanha muito engajada no que diz respeito à difusão do francês e, ao mesmo tempo, a propagação não só do ideário da Revolução, como também de um certo nacionalismo que possibilitou a sua imposição.

5 - A IMPOSIÇÃO DO FRANCÊS PELO NACIONALISMO:

Através do desenvolvimento da idéia de liberdade propagada com a Revolução Francesa, pôde-se criar uma grande cadeia de pessoas engajadas em transformar-se em cidadãos desta nação reformulada. Desta forma, o sentimento de identificação com esta pátria foi primordial na criação destes indivíduos. Para isto, deveria haver uma língua em comum, o que a variante parisiense aristocrata fora desde então. Porém, com a existência dos “*patois*”, isto era um grande problema para a difusão deste sentimento de nação.

Procurou-se mostrar que a pátria francesa necessitava de todos os que habitavam em seu território, e com isto, toda a população deveria tomar consciência de que pertencia a esta nação. Mostrou-se, então, que os “*patois*” foram importantes para ela, mas agora não eram mais necessários, na medida em que os indivíduos deveriam enquadrar-se no Novo Regime político e social da época. Já que agora todos os indivíduos eram iguais diante destas novas leis nacionais em questão, deveriam, assim, compartilhar do mesmo idioma.

Como a Revolução era baseada em símbolos populares, era necessário popularizar o francês como língua comum a todos. Logo, ligá-la aos símbolos que vinham surgindo com a Revolução, seria

o mais adequado para que houvesse aceitação da sociedade francesa. Assim, nas escolas buscou-se introduzir símbolos identificatórios que possibilitassem o sentimento de identificação nos indivíduos.

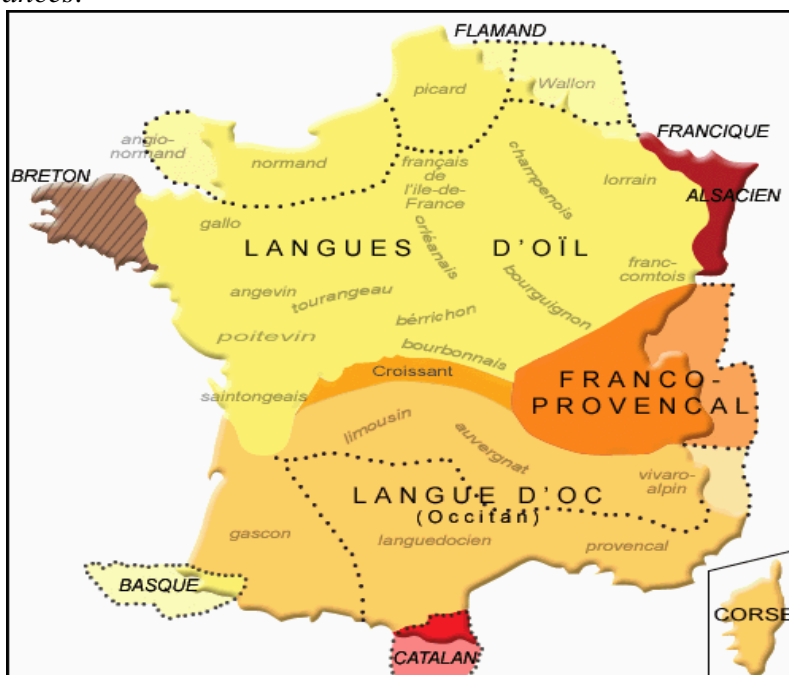
Um deles, seria o orgulho de pertencer a esta nação que se voltou para a liberdade de seus membros e, agora, estava possibilitando a todos o direito de serem cidadãos libertos de todos os deveres feudais. Deveres estes que eram bastante cultivados nas províncias falantes dos “*patois*”, mas que agora, deveriam ser eliminados desta nova forma de organizar a sociedade.

A partir deste fator, os indivíduos deveriam sentir-se cidadãos atuantes nos projetos desenvolvidos para esta sociedade. Eles não deveriam sentir-se mais pessoas sem voz de voto. Eram agora parte atuante e formuladora de todos os interesses sociais e políticos da Revolução. Logo, esta voz teria que ser somente em francês, e não houve assim, nenhum projeto de adaptar as leis ou os documentos da época em “*patois*”. Desta forma, a escola proporcionaria também o acesso dos indivíduos aos projetos nacionais.

Porém, por se tratarem de línguas ágrafas, desenvolveu-se a crença de que os “*patois*” seriam facilmente eliminados através da aquisição da escrita em língua francesa, que seria adotada como fala dos sujeitos. O que não pôde ser confirmado, já que estes mesmos indivíduos passaram a usar o francês em determinados momentos e, estas línguas, no ambiente familiar. Originando uma situação de diglossia. Este contexto, segundo Jean-Louis Calvet, em seu livro *La guerre des langues et les politiques linguistiques* (CALVET, 1999), representa a oposição da **língua mãe** - a língua mais familiar, a de identidade típica de cada região- e, a **língua pai**, que seria a língua imposta, a língua da pátria, aquela que traria a liberdade da Revolução Francesa aos indivíduos.

Assim, pretende-se com este trabalho, avaliar quais foram os meios utilizados pelos governantes para que houvesse esta imposição e, verificar também quais foram os símbolos que possibilitaram a crença dos indivíduos de estarem tornando-se cidadãos pertencentes a esta nação francesa. E, assim, avaliar este ambiente de diglossia.

Mapa do começo do século XX com a localização de cada “patois” ainda existente no território francês:



Fonte: <http://www.language-museum.com/>

6 - COMO A DIGLOSSIA EM QUESTÃO SERÁ VERIFICADA:

Partindo dos postulados de Ferdinand Saussure, que especificam a *língua como um produto*

social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade nos indivíduos, e desenvolvidos pelo sociolinguísta William Labov, que procurou enquadrar os comportamentos dos sujeitos como não sendo autônomos com relação à atitude lingüística de suas comunidades de fala, tendo que se habituarem aos condicionamentos externos (Labov, 1972), procuraremos com este trabalho, verificar quais foram as forças que possibilitaram a valorização de uma variante lingüística em detrimento da depreciação de outras tidas como “línguas da ignorância”, segundo os representantes deste novo corpo governamental nascido com a Revolução Francesa. Também mostrar em que proporção o povo francês fazia uso da língua oficial e dos “patois”, e deste modo, verificar as representações simbólicas que permitiram a crença dos indivíduos de estarem tornando-se cidadãos desta nação reformulada.

A partir da idéia de nacionalismo desenvolvida neste período, poderemos verificar como a imposição da língua francesa - também um símbolo nacional - fora um fator preponderante para a criação deste imaginário de comunidade. Logo, Benedict Anderson (1983) apresenta a língua como edificadora desta nação em desenvolvimento, do mesmo modo que Henri Meschonnic (1987) mostra como se criou o mito de que a língua francesa seria o idioma da nitidez, a que possibilitaria a clareza de pensamento de seus falantes, havendo, desta forma, o gênio da língua francesa; deste modo, todos os cidadãos que estivessem em território francês deveriam compartilhar o uso deste símbolo nacional necessário para o ajustamento dos indivíduos a esta sociedade, pois só assim eles teriam entendimento de todo o conjunto de benefícios conseguidos com a Revolução.

A investigação propõe-se verificar todos estes fatos através da análise crítica dos documentos. Estes seriam os dados oriundos dos textos proferidos pelo abade Grégoire, juntamente com os resultados obtidos com sua pesquisa. Para tal, utilizaremos os preceitos trabalhados pela sociolinguística histórica, da mesma forma que o método histórico comparativo de Saussure, procedimento que procurava saber de onde vêm as línguas, se elas têm uma origem comum. Assim, nos textos trabalhados, observaremos se o autor deseja mostrar a evolução das línguas faladas em território francês, e se admite a existência de um tronco comum entre elas. Mesmo depreciando as línguas regionais com o fundamento de fazer uma política de erradicação destes falares.

Em se tratando de línguas ágrafas, isto é, línguas predominantemente orais, seria mais fácil, segundo Grégoire, a sua aniquilação através da escola, instituição que desenvolveria não só a escrita em francês, como a fala, instrumentos que seriam usados na criação destas identidades francesas, e assim, enquadrariam-se definitivamente como símbolos desta nação. Porém, mostrou-se ser mais difícil do que se imaginava, pois existia um sentimento de familiaridade muito grande com relação às línguas desvalorizadas, tendo os seus representantes utilizado o francês em determinadas situações e conservado os “patois” dentro do ambiente familiar. Assim, com o auxílio dos trabalhos desenvolvidos por E. Dupin e Anne-Marie Thiesse que avaliam a tese da criação de uma identidade nacional através de símbolos, juntamente com os de Jean-Louis Calvet, em suas obras intituladas: *La Guerre de Langues et les politiques linguistiques* (1999, segunda edição) e *Essais de Linguistique - La Langue est-elle une invention des linguistes?* (2004), especificaremos toda a conjuntura tanto histórica quanto lingüística que possibilitaram este quadro de diglossia.

7 - NOTAS:

[1] Falares que se desenvolveram ao sul da França e, que fazem parte da herança cultural da Idade Média. Em sua grande maioria, são oriundos dos isolamentos deste extenso período histórico, criando assim, como por exemplo, falares como o limousin ou o provençal. São utilizados somente em suas regiões de comunidades de fala. Estas seriam onde existe um certo sentimento familiar com os “patois” de seus habitantes.

2 Ferdinand Saussure, *Curso de Lingüística Geral*, redação de Charles Bally e Albert Sechehaye, 1916.

3 *Archives parlementaires*, 1^{re} série, t. LXXXIII, séance du 8 pluviôse an II, n^o 18, pp. 713-717. Paris, Éd. C.N.R.S., 1961.

8 - BIBLIOGRAFIA:

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on Origin and Spread of Nationalism*, Londres, 1983
- BEZBAKH, Pierre. *Petit Larousse de l'histoire de France. Des origines à nos jours*, Larousse/Vuef, Paris, mars 2003.
- BURKE & PORTER, Peter e Roy. *História Social da Linguagem*. São Paulo, Editora UNESP, 1997.
- CALVET, Jean-Louis. *La guerre des langues et les politiques linguistiques*. Deuxième édition. Paris: Hachette Littératures, segunda edição, 1999.
- _____, Jean-Louis. *Essais de Linguistique - La Langue est-elle une invention des linguistes ?*, Plon, Paris, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *Une Politique de la Langue – La Révolution Française et les patois*, NRF, Éditions Gallimard, Paris, 1975.
- DUPIN, E. *L'hystérie identitaire*. Paris : Le cherche midi.
- ECO, Humberto. *A busca da língua perfeita*. Bauru: Edusc, 2001.
- HERMET, Guy. *Histoire des nations et du nationalisme en Europe*, Seuil, PARIS, 1996.
- HOBSBAWN, Guy. *Nations et nationalisme depuis 1780, Programme, mythe, réalité*. Gallimard, 1992.
- LABOV, Willian. *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- MESCHONNIC, Henri. *De La Langue Française - Essai sur une clarté obscure*. Pluriel, Hachette Littératures, Paris, 1987.
- PICOCHÉ & MARCHELLO-NIZIA, Jacqueline et Christiane. *Histoire de la Langue Française*. Nathan Université, Paris, 1994.
- SAINT-ROBERT, Marie-Josée de. *La politique de la langue française*. PUF, Paris, 2000.
- SAUSSURE, *Curso de Lingüística Geral*, Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, 5ª edição, Editora Coltrix, São Paulo, 1972.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sócio-Lingüística*, Série Princípios, Editora Ática, São Paulo, 1986.
- THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales*, Éditions du Seuil, 1999.
- VERMES & BOUTET, G. et J. *France, pays multilingue. Pratiques des langues en France*. Tomes 1 et 2. Logiques Sociales L'Harmattan, Paris, 1987.

8 - MINI-CURRICULUM DA AUTORA:

Cristiane Maria de Souza

Mestranda em Língua Francesa pela Faculdade de Letras da *UFRJ*, com previsão de defesa para o segundo semestre de 2007. Concluiu o Bacharelado e a Licenciatura em Português/ Francês, na mesma instituição de ensino, fazendo seus estágios no *CAP - UFRJ*. Fez todo o curso regular e superior da *Alliance Française - Rio de Janeiro*, estando agora nos cursos do *Nancy - Nancy II - Civilisation et Traduction/ Version*. Possui o *Dalf - Diplôme Approfondi de Langue Française*. Apresentou de trabalho no *V Colóquio de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ*, com a pesquisa de Mestrado “A imposição de Francês sobre os “patois” na época da Revolução Francesa”. Nos dias 17, 18 e 19 de agosto de 2005. Participou do estágio “*Découvrir la France*”, na modalidade *Midi-Pyrénées*, em julho de 2004. Participação na 5^a Semana de Letras Neolatinas, na Faculdade de Letras da *UFRJ*, no período de 29 de setembro a 03 de outubro de 2003. Estagiária de Francês do projeto *CLAC - UFRJ*, de fevereiro de 2003 a dezembro de 2005. Pesquisadora em Iniciação Científica em Linguística e Filologia, no projeto Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) – *UFRJ*, no período de março de 2001 a dezembro de 2003, com o projeto: *Ordem dos Complementos Verbais no Português Brasileiro*, sob a orientação da Prof. Dra. Christina Abreu Gomes.